

O HERALDO

BI-SEMANARIO REPUBLICANO DEMOCRATICO

DIRETORES E PROPRIETARIOS: — LYSTER FRANCO E JOÃO PEDRO DE SOUSA

Administrador, — J. P. Sousa — Editor, — L. Franco

Publica-se ás quartas e sábados

Redacção, administração, composição e impressão

Tipografia Democratica, Rua 1.º de Dezembro — FARO

ASSINATURAS: — Trimestre 500 réis — COMUNICADOS E ANÚNCIOS — Ca a linha 20 réis. Para a 1.ª e 2.ª pagina contrato especial. Publicam-se todas as informações de interesse geral.

UMA VITIMA DA SEITA NEGRA

Noticiou *O Seculo* achar-se preso em Faro o subdito espanhol José Sanchez Gomez, por ter manchado com tinta preta os escudos dos vice-consulados hespanhol e inglez desta cidade, delicto que confessou alegando ter procedido assim para desafrontar-se das perseguições que sofreu por parte dos governos d'aquelas potencias.

Parece tratar-se de um doido, conclue o correspondente e a nosso ver conclue mal e peor andou *O Seculo* em inserir nas suas colunas uma tão infundamentada conclusão.

Senão, vejamos:

Quem é José Sanches Gomes, jornalista, natural de Lepã, provincia de Huelva?

Uma vitima dos reacionarios hespanhoes que lhe roubaram a honra e os meios de fortuna.

A sua historia, cujos episodios parecem recortados da mais negra tragedia, não a fantasia eu.

Contaram-na os jornaes da capital e entre eles o proprio *Seculo* que hoje, pela pena do seu correspondente n'estas longinquas paragens, não duvida acentuar que parece tratar-se de um doido!

Relatemos, porém, aos nossos leitores a tenebrosa odissea do infeliz Sanches Gomes, a quem assim tão facilmente se passa um atestado de louco.

Não esmiuçaremos promenores, não procuraremos investigar o passado d'esse homem em cujo rosto dolorido a desgraça estampou todos os estigmas, porque d'esse trabalho nos dispensam as investigações dos jornaes de Lisboa, onde, desenvolvidamente, em novembro do ano findo, foi descrita a biografia do inditoso.

D'essa biografia conclue-se que Sanches Gomes é uma das muitas victimas dos reacionarios hespanhoes, que tiveram artes para seduzir-lhe a esposa e roubar-lhe os fartos meios de fortuna que possuía.

Quando protestou contra a extorsão e a infamia dos padres, estes, com a cumplicidade d'um medico, conseguiram interná-lo n'um hospital de doidos, onde, por largo tempo expiou o grande crime de ter sido roubado e infamado pelos roupetas da Companhia de Jesus, pelos émulos de Loiola e sucessores do sanguinario Domingos de Gusmão!

Conseguindo evadir-se, refugiou-se em Gibraltar onde foi preso e entregue pelos inglezes ás autoridades hespanholas, ás quaes conseguiu fugir pouco depois, internando-se em Portugal.

Data de 1907, o fadario do infeliz Sanches Gomes.

Foi n'esse ano que o jesuita Luiz Bagenton, capelão do hospital d'el-rei, em Cadiz, grande influente politico e ardiloso rea-

cionario lhe seduziu e roubou a mulher, conseguindo depois anular a queixa apresentada pela vitima no tribunal, queixa que era reforçada com um rol de 25 testemunhas de acusação.

Um ano depois, a influencia do mesmo jesuita Bagenton fazia dar por louco o infeliz marido que, sob a mais rigorosa incomunicabilidade, foi conservado durante sete longos mezes n'uma lobreja enxovia, onde passou o mais cruciante dos supplicios.

Conseguindo evadir-se do cativo, o inditoso não tardou a ser preso e novamente encerrado n'um manicomio, apesar dos medicos, que o examinaram serem todos concordes em afirmar que ele possuia intatadas todas as suas faculdades!

Lê-se e não se acredita!

Preso varias vezes, e conseguindo sempre evadir-se, o infeliz logrou passar a Gibraltar, onde foi detido e entregue á justiça hespanhola que o perseguia por influencia do jesuita Bagenton.

Por fim, conseguiu ainda evadir-se mais uma vez e refugiou-se em Portugal.

Em Lisboa percorreu as redações dos jornaes que reproduziram os seus protestos e falou com os mais notaveis juristas, entre eles com o illustre advogado dr. Afonso Costa.

Todos se indignaram perante as vilezas cometidas contra Sanches Gomes e este, por eles aconselhado, chegou a reclamar justiça junto dos representantes do seu paiz.

Mas o tempo decorria sem que se alterasse a situação do infeliz.

Os seus protestos, os seus clamores, os seus brados de indignação eram abafados pelo murmúrio das resas, pelo salmejar dos padres e pela voz untuosa dos jesuitas e das beatas que na reaccionaria Hespanha ainda hoje influem na mór parte das autoridades.

Debalde o misero implorou justiça e o castigo para os seus infames perseguidores.

Os seus esforços resultaram inuteis.

Cançado de lutar, farto de esperar por uma reparação que não chegava nunca, Sanches Gomes deliberou sair de Lisboa e trabalhando e esmolando, ele que outrora foi rico, chegou faminto e andrajoso ao Algarve.

N'esta cidade, onde me foi recomendado pelo *Grupo Joven Algarve*, se me apresentou o infeliz pedindo-me que como director de *O Heraldo* fizesse publicar n'este jornal um resumo da sua miseravel historia, pedido que satisfiz com o artigo «Uma vitima de reacionarios hespanhoes» inserto no n.º 28 d'este bi-semanario.

No dia seguinte, logo de ma-

nhã, fui procurado por Sanches Gomes, que, chamando-me á porta da redacção, me indicou os escudos hespanhol e inglez manchados de negro, dizendo-se autor do atentado e explicando-me que assim procedera, não só para desagrayar-se das injurias e perseguições que tem recebido de aqueles paizes, mas tambem para que lhe dessem qualquer destino porque não estava disposto a pedir esmola, nem havia ninguem que quizesse dar-lhe trabalho de que podesse auferir os indispensaveis meios de subsistencia.

Pedira para ser internado n'um hospital e nem isso tinha conseguido. Quiz ser preso para ter um abrigo, foi esse desejo que lhe impulsionou o gesto de manchar os escudos da Hespanha e da Inglaterra, os paizes que, tanto contribuíram para o seu infortúnio, para a sua grande desdita, pela protecção que sempre deram aos seus algozes.

Terminou pedindo-me que o denunciasses, para que o prendessem e para que, pelo menos, lhe fosse dado o pão negro dos encarcerados.

Recusei-me como me cumpria a satisfazer-lhe este pedido e Sanches Gomes, com o mais fundo desespero e a mais cruciante magua estampados no rosto, despediu-se de mim antes de dar-me tempo a prestar-lhe quaesquer socorros monetarios.

Foi preso pouco depois.

Se não conseguiu entrar no hospital, para o que se munira com os indispensaveis documentos, deu ingresso na cadeia onde tem o abrigo de quatro paredes, uma enxerga para estender o corpo esquelético e doente e um caldo negro para enganar a fome. Está preso, mas tem abrigo e tem pão.

Trata-se de um perseguido, de um misero, a favor do qual não podem deixar de vibrar todos os corações bem formados.

A sua historia edificante affica para ensinamento de todos.

Não discuto o seu gesto, que para mim não tem significado maior do que qualquer outro protesto violento.

Mas entendo que devemos ter em consideração os seus soffrimentos, os seus grandes infortúnios e não lhe chamemos louco sem que os nossos medicos autorizem com o seu parecer um tal qualificativo.

Nada de cumplicidades, embora inconcientes e irrefletidas, com os roupetas da reaccionaria Hespanha!

José Sanches Gomes é uma vitima da odiosa seita negra, urge, portanto, que todos os liberaes portuguezes o defendam, juntando o seu veemente protesto ao de todos aqueles que já conhecem as iniquidades que tem sido feitas ao infeliz perseguido.

Lyster Franco.

ECOS E CONSIDERAÇÕES

Ainda bem

E' para nós extremamente agradável registar que foi um numero de sensação o ultimo numero d'este bi-semanario. Estando anunciado que o sr. dr. João Pedro de Sousa publicaria uma carta aberta ao governador civil do distrito; acorreram a esta redacção talvez centenas de pessoas, ansiosas de comprar o jornal, para ler essa carta. Prevendo o caso aumentamos de 500 exemplares a tiragem normal e nem assim conseguimos satisfazer todas as pessoas.

Demais, para despertar interesse, o ultimo numero publicou as celebres cartas da officialidade do 3.º batalhão do 33, cartas que vão ser devidamente apreciadas n'estas colunas.

O sr. conego Nespera

Anda furioso o sr. conego Nespera! Ha dias, no seu habitual costume de dar á lingua, tornou a expandir-se contra as ideias democraticas e em especial contra *O Heraldo*—esse raio de jornal que para ai appareceu agora e que precisava queimado (palavras do reverendo) bem como os seus redactores: dois espiritos perversos que o inferno reclama como as creanças pedem a Emulsão de Scott.

Com que então, queimadinhos da costa, hein?

Ora para que havia de dar ao muito reverendo ginja e santissimo conego Nespera!

Será verdade?

Corre para ai que o paço do bispo vai ser repartido em talhões e distribuido a varias familias necessitadas.

E os estabelecimentos do Estado que requereram a sua instalação no referido paço?

Misterios! Segredo dos deuses e das tenebrosas ped-stades que acolitam o sr. governador civil!

As rapozas

Com as momentosas questões que n'estes ultimos dias tem apaixonado a opinião publica, ninguem se lembrou de attentar no grande numero de rapozas que tem saído do liceu.

Antes assim. Tristeza não pagam dividas e o melhor é dizer-se como na Lagartixa:

—Deixa andar, corra o marfim!

Maus processos

Os talassinhas de quatro costados, desejosos de contrariar a acção republicana, começaram a espalhar que as referencias do *Heraldo* ao batalhão do 33 determinariam a saída do mesmo batalhão para a sede do regimento, ficando esta cidade unicamente com o 3.º batalhão do 4.

Grande castigo seria esse, na verdade, mas acaso é possível admitir um tão refinado disparate? Em que terras do paiz a historia militar nos aponta casos semelhantes? Poderão crear-se rivalidades entre os dois batalhões? Não, porque as nossas referencias não visam os soldados, e apenas alcançam os officiaes. Rivalidade não a pode haver, e para sanar as velhas suspeitas que recaem sobre a officialidade, ha um meio: é transferir para outros regimentos os officiaes que merecerem menos confiança aos republicanos.

Mas, contra a nossa espetativa, levantam-se quaesquer rixas entre os proprios soldados? Ha tambem um meio de resolver a questão. Crie-se em Faro um regimento. E assim se porá termo a estas supostas rivalidades, e mais: ficará resolvida a suprema questão que se levantara entre as cidades de Faro e Tavira.

Em qualquer dos casos, porém, o que terá de dar-se é a transferencia dos

officiaes que não merecerem absoluta confiança ao novo regimen.

Ser levantado de Faro o batalhão do 33, essa é que só ao diabo seria capaz de lembrar.

Só ao diabo não, porque tambem lembrou aos talassões, talassas e talassinhas cá do sitio.

Montões de pedras

Damos aos nossos estimaveis leitores de fóra da cidade a noticia de que já principiaram as obras de calceteamento da rua das Lojas.

Final o sr. engenheiro Albers, director das obras publicas, não teve grande responsabilidade na demora. Cremos até que não teve nenhuma. A sua responsabilidade consistiu unicamente em amontoar as pedras na rua, quando é certo que as devia ter depositado em qualquer lugar onde não estorvassem.

Mas enfim, já principiaram as obras e isso nos alegra.

Barbaridades chinezas

Historiando as atrocidades cometidas no interior da China, o nosso preado colega o *Distrito de Portalegre* opina que causam horror.

Concordamos. Mas, enfim, isso é lá pelo interior da China que, apesar do seu barrete frigio ainda talvez não tenha muito garantido o seu lugar entre os paizes civilizados.

Mas convença se o colega, se triumphassem os negregados paivantes ainda maiores horrores se dariam neste paiz á beira mal plantado.

Nelvageria

Anda em maré de sorte o Museu do Louvre. Ao roubo da *Gioconda* e ao desaparecimento de outras preciosidades artisticas, succedeu ha dias um atentado revoltante.

Nada mais nada menos do que ser apanhada uma rapariga franceza de vinte oito anos, a golpear com um canivete um magnifico quadro de Le Boucher.

Foi presa immediatamente e declarou ter procedido sob a sugestão de um desejo irresistivel.

Estes e outros casos semelhantes é que muitas vezes nos levam a duvidar que a Africa principie nos Pirineos.

A monte

Paiva Couceiro anda a monte, taes são as noticias que os jornaes ultimamente nos trazem.

Um grupo de denodados republicanos fez-lhe montaria, mas parece que o covarde passou a fronteira, disfarçado em mendigo.

Canalejas

O illustre couceirista mandou dizer, apoz a derrota dos monarchistas, que Portugal e a Hespanha precisam de viver amigavelmente.

E se os monarchicos não tivessem sido derrotados?

Situação clara

Tem-nos dirigido felicitações por haver-mos provocado n'este jornal uma situação clara.

Não nos desvanecemos com os aplausos, mas congratulamo-nos pelo cumprimento fiel da nossa missão. Já o dissemos e hoje o repetimos: não odiamos ninguem, mas de modo nenhum seremos transigentes com varios cidadãos que fingindo-se revoltados na sua conciencia, sorriem aparentemente para a Republica.

Naturalismo

Recomendamos á digna comissão municipal o odorifero naturalismo que todas as manhãs se exhibe lá para os lados de S. Sebastião...

N'uma capital de distrito é forte!

EM DEFESA DA REPUBLICA

Continua de pé a celebre questão do 33. Para cumulo do desprazo com que se pretendem desmentir fatos positivos, do dominio de toda a gente, appareceu em tres jornaes do distrito, «O Algarve», «O Sul» e a «Provincia do Algarve», uma carta do sr. major D. Miguel de Alarcão. Estranhámos que tal carta não fosse tambem dirigida ao nosso jornal, tanto mais que sendo aqui publicada a noticia da insubordinação militar, só por uma flagrante deslealdade o sr. major do 33 deu a preferencia aos outros jornaes, cujos leitores ficarão unicamente com a impressão do desmentido, fazendo de nós um conceito menos agradável, mas injusto.

Tambem n'um dos referidos jornaes, O «Sul», appareceu uma carta do sr. Francisco José de Barros, tenente do 3.º batalhão do 4, que terá da nossa parte a devida apreciação e os precisos comentarios.

Ainda, sobre o mesmo assunto, veem insertos na «Provincia do Algarve», umas breves considerações, refinadamente biliosas, que terão por sua vez o correctivo que merecem.

Hoje sómente nos limitamos a transcrever esses lindos pedaços de prosa, afim de colocar os nossos leitores ao corrente da Historia.

Um dos directores do «Heraldo», o sr. dr. João Pedro de Sousa, que deseja tomar sobre si a responsabilidade de tudo quanto n'este jornal se tem escrito acerca do 3.º batalhão de infantaria 33, vae esclarecer toda a questão no proximo numero, collocando as coisas nos seus devidos termos, sem odios nem receios de qualidade alguma. Seguem as transcrições:

«Sr. redator:

Depois da carta por mim escrita aos directores do *Heraldo*, havia eu resolvido abster-me de intervir mais no incidente levantado por aquele periodico com o 3.º batalhão de infantaria 33, emquanto a sindicancia que requeri, não der por findos os seus trabalhos.

Mas, como o *Heraldo* vem, de novo, com fantasiosas e alarmantes afirmações que, ou revelam um proposito malevol, ou a sua pessima reportagem, venho rogar a v. ex.ª a fineza de, no seu jornal, dar publicidade ás seguintes declarações,—embora não tenha de dar contas dos meus atos senão aos meus superiores legítimos, que faço com o fim de orientar a opinião publica, apezar de toda a população de Faro saber bem como os fatos se passaram.

1.º Quem afirma que os soldados do 3.º batalhão de infantaria 33, não levantaram o rancho na manhã de 23, formando juntos na parada do quartel aos gritos de Viva a Republica e abaixo os talassas—falta á verdade.

2.º Quem afirma que o sr. tenente Ramos, não podendo demover os do seu proposito, se refugiara n'um quarto—falta á verdade.

3.º Quem afirma que eu procurei abrandar os animos dos soldados, e isto simplesmente porque esses animos não estavam exaltados—falta á verdade.

4.º Quem afirma que fui eu proprio pedir aos soldados de infantaria 4, que não maltratassem nem odiassem os seus camaradas do 33,—falta á verdade.

5.º Quem afirma que na tarde d'esse mesmo dia, no jardim publico, se formaram grupos de soldados, tendo os officiaes de intervir para dispersal-os, acabando por confraternisarem aos gritos de Viva a Republica e abaixo os talassas—falta á verdade.

Outras insinuações contem o artigo, de que certamente a sindicancia tomará conhecimento.

Agradecendo-lhe, sr. redator peço a v. que me considere.

De V.

Faro, 26-7-910.

D. Miguel d'Alarcão.

(Do O Algarve n.º 227)

«Sr. redator. — Depois da carta por mim escrita aos directores do *Heraldo* havia eu resolvido abster-me de intervir mais no incidente levantado por aquele periodico, com o 3.º batalhão de infantaria 33, emquanto a sindicancia que requeri não der por findos os seus trabalhos.

Mas, como o *Heraldo* vem de novo, com fantasiosas e clamantes afirmações que, ou revelam um proposito malevol, ou a sua pessima reportagem, venho rogar a v. ex.ª a fineza de, no seu acreditado jornal, dar publicidade ás seguintes declarações, que, embora não tenha de dar conta dos meus atos, senão aos meus superiores legítimos, faço com o fim de orientar a opinião publica, apezar de toda a população de Faro saber bem como os fatos se passaram:

1.º—Quem afirma que os soldados do 3.º batalhão de infantaria 33 não levantaram o rancho, na manhã de 23, formando juntos na parada do quartel,

aos gritos de viva a Republica, e abaixo os talassas—mente.

2.º—Quem afirma que o sr. tenente Ramos, não podendo demover os do seu proposito, se refugiara n'um quarto—mente.

3.º—Quem afirma que eu procurei abrandar os animos dos soldados, porque esses animos não estavam exaltados—mente tambem.

4.º—Quem afirma que fui eu proprio pedir aos soldados de infantaria 4, que não maltratassem nem odiassem os seus camaradas do 33—mente ainda.

5.º—Quem afirma que na tarde d'esse mesmo dia no jardim publico, se formaram grupos de soldados, tendo os officiaes de intervir para dispersal-os, acabando por confraternisarem aos gritos de viva a Republica e abaixo os talassas—mente da mesma forma.

Outras recriminações contem o artigo do que certamente a sindicancia tomará conhecimento.

Agradecendo-lhe, sr. redator, peço-lhe me considere

De V. Ex.ª

Att.º Vd.º e Cr.º Obg.º

D. Miguel de Alarcão.

Faro, 26-7-912.

Sr. redator.—Considerando-me offendido pela local inserta no *Heraldo* ultimo, intitulada Batalhão do 33, e pela versalhada junta que tanta honra dá ao mesmo jornal, peço a v. a publicação d'este meu desabafo a essa afronta, que atinge toda a classe militar pela forma como está redigida. Causa admiração e infunde tristeza, ver a forma como tratam assumptos serios, individuos que reputo inteligentes, e tem grande responsabilidade moral inerente á sua situação social, como são Lyster Franco e João Pedro de Sousa, respectivamente, professor e advogado. Chega a ser risivel vir eu indicar que o caminho exclusivo a seguir seria a participação á autoridade civil, se é que ha, com fundamento, algum suspeito de conspirador. Publicações estemporaneas, versalhada a ridicularisar a classe militar, não são rasoaveis, e muito prejudicam esta disciplina civica em que nos vamos integrando, e nos esforçamos por ministrar com o maximo empenho conforme as normas ditas pelo Ministerio da guerra. Assim, por esses processos de *O Heraldo*, conseguindo provocar a insubordinação e promover a destruição do nosso trabalho, alcançam-se agradecimentos dos antimilitaristas, e encomios de Paiva Couceiro.

Muito agradecido pelo favor da publicação, subscreve-se um militar pronto a dar a vida pela Republica.

Faro, 24-7-912

Francisco José de Barros

Ten. d'inf.ª

(Do O Sul n.º 19)

«Ex.º sr. redator.—Havia eu resolvido, depois de escrever a carta que dirigi aos directores e proprietarios do *Heraldo* abster-me de intervir mais no incidente levantado por aquele periodico com o 3.º batalhão de infantaria 33, enquanto a sindicancia que requeri, não desse por terminados os seus trabalhos. O *Heraldo* porém vem de novo com afirmações fantasticas e alarmantes,

que revelam manifestamente, ou um proposito malevol, ou a pessima reportagem de que dispõe, e que me obriga a pedir-lhe, sr. redator a fineza de publicar no seu acreditado jornal, as declarações que adiante faço. Eu não tenho dever de prestar contas dos meus atos senão aos meus legítimos superiores, mas o *Heraldo* dá publicidade, com manifesto desprezo da verdade e das disposições das leis, a boatos tão infundados e tão terroristas, que me corre a obrigação de tranquilisar a opinião publica, embora em Faro, esta saiba bem como os fatos se passaram, e o credito e a consideração em que deve ter os boateiros.

Assim, declaro terminantemente:

1.º—Quem afirma que, na manhã de 23, as praças do 3.º batalhão de infantaria 33 se insubordinaram, recusando-se a levantar o rancho, e reunindo-se na parada do quartel, aos gritos de viva a Republica e abaixo os talassas—mente. Os soldados, em todas as companhias, levantaram o rancho, sem um protesto, e sem um grito, embora na maioria o não comecessem, não porque estivesse mal feito, mas porque não gostam, em geral, do rancho que n'aquella manhã tinham. Quando entrei no quartel e me dirigi ás companhias, encontrei-os todos na melhor ordem, os soldados submissos e respeitosos, tomando todos os seus logares, a voz de sentido dada pelos graduados, presentes.

2.º—Quem afirma que o sr. tenente Ramos, não podendo demover os soldados do seu proposito se refugiara n'um quarto—mente. Nem ouve como deixo dito motivo para tal, nem o sr. tenente Ramos é official que se deixe desprestigiar ou desatender, e que por nenhum principio deixaria de cumprir o seu dever.

3.º—Quem afirma que eu, seguidamente, na parada do quartel, procurei abrandar os animos dos soldados dando vivas á Patria, a que elles correspondiam com vivas á Republica,—mente ainda. Nem era preciso abrandar animos exaltados, porque não os havia. Mais mais tarde, pela uma hora, foi que mandei formar o batalhão na parada interior do quartel; e falando aos soldados fiz-lhes ver que se no procedimento d'elles tivesse havido sombras de indisciplina, eu, com todo o rigor e nos limites da minha competencia, puniria os culpados; que não se deixassem levar por sugestões estranhas de fora ou de dentro; que se lembrassem que no momento actual os piores inimigos da Patria são os que dentro d'ella, e a ocultas, cimentam a discordia, a desconfiança e a desordem, e não os que na fronteira foram destróçados pelas tropas da Republica, que esses já não fazem mal a ninguém; que embora uns e outros inimigos do paiz, são aqueles mais repelentes do que estes; aconselhei-os em seguida a serem sempre unidos, respeitosos com os seus superiores, confiantes n'elles, na sua lealdade e no seu esforço; porque se sem exercito não pode haver nação, sem disciplina não ha exercito; que na campanha de difamação que se levantava contra o batalhão fossem prudentes, e confiassem em quem, tendo já pedido uma sindicancia aos seus atos, tomara tambem outras providencias de

desforço e desagravo, não só da sua honra, como da dos seus officiaes, como do mais modesto soldado. Foi isto que disse, e terminei com um viva á Patria, a que todos corresponderam, e um graduado, levantou depois um viva á Republica, que foi igualmente correspondido. Depois, na melhor ordem, e debaixo de forma os soldados recolheram ás companhias. Todos os officiaes, sargentos e mais praças podem atestar isto. Como se deturpam os fatos destilando n'elles a mais violenta e repugnante pessonal!

4.º—E' falso que eu fosse n'esse dia, pedir eu proprio aos soldados de infantaria 4 que não odiassem nem maltratassem os seus camaradas do 33. Quem tal afirma mente. Nem eu descia a tanto, nem o sr. major Viegas, dignissimo comandante do 3.º batalhão do 4, consentia que dentro do quartel um official estranho ao seu batalhão fosse arengar aos seus soldados. Continua a destilar a peçonha, procurando-se desprestigiar-me pela baixesa do procedimento perante os soldados de um batalhão. Os officiaes, sargentos e soldados do 4 sabem bem como tal asserção é falsa.

5.º—Quem afirma que os soldados dos dois batalhões estavam agitados na tarde de 23, no jardim publico de Faro, comentando os successos, sendo necessario que os officiaes, os intimassem a dispersar, confraternisando aos gritos de Viva a Republica e abaixo com os talassas, mente tambem. Um unico official, e este era o sr. tenente Barros, de infantaria 4, fez dispersar um grupo de soldados que no jardim publico cercavam um grupo de civis, desconhecidos na cidade, que lhes distilavam certamente ideias perniciosas de indisciplina. Os soldados obedeceram, mas os civis recalçaram e foi do grupo destes que partiram os vivas á Republica e morras aos talassas.

Outras insinuações venenosas contem o artigo do *Heraldo* de 24, epigrafado INSUBORDINAÇÃO.

Mas esta carta já vae longa. A sindicancia que requeri, apreciará essas e outras insinuações.

Agradecendo a V. Ex.ª, sr. redator, confesso-me

Faro, 26-7-912.

De V. etc.

D. Miguel de Alarcão.

Ha dias, um jornal de Faro insinuava que os officiaes do batalhão do 33, eram talassas e attribuia-lhes atos menos correctos e alguns até criminosos, procurando justificar a designação que lhes dava.

E' fantastica a facilidade com que se abocanha a dignidade alheia. E incrivel a errada compreensão que ha dos deveres e imperdoavel a orientação de certa imprensa que só na difamação e na má lingua acha meio de vida.

Não nos ocupamos mais largamente do assunto, visto que o major comandante do batalhão alveado requereu uma sindicancia. Apenas afirmamos aos nossos leitores que conhecemos a *nuvem* que foi tomada por *juno* e as circunstancias em que se encontrava o desastrado observador e assim afirmamos ser falso o que se diz.

Sabemos tambem que aos directores do bisemanario que publicou a insinuação já foi comunicado pelos offendidos que, terminada a sindicancia, teriam de com eles liquidar contas ou á guisa de espadachim ou de juiz de Fafe.

Ossos do officio.

Ao quartel do batalhão do 33 tem ido immensas pessoas cumprimentar os officiaes visados, pela sua nobre attitud, e protestar contra tão incorrecto procedimento do periodico que publicou tal insinuação.

(Da Provincia do Algarve n.º 193)

FILOSOFIA PRÁTICA

PENSAMENTOS

A verdadeira fidelidade só se encontra nos cães.

Ulflas

A falsa ciencia é cem vezes peor do que a genuina ignorancia.

Vitrail

A guerra é um flagelo necessario.

Xenefonte

O homem é o animal mais fraco da criação.

Young.

A vaidade é uma especie de riqueza que todos nós escondemos no fundo da alma.

Zoroastro.

Vida artistica

EXPOSIÇÃO DE ARTE

Acerca d'este notavel certamen artistico escreve o nosso prezado colega A Alma Algarvia, de Portimão:

«Exposição de pintura. — Infelizmente os acontecimentos da semana não nos deixaram arredar pé e não podemos, como tencionavamos, ir a Faro admirar a exposição d'arte que ali se fez e de que a imprensa e amigos nossos tem dito maravilhas.

Uma exposição d'arte, no Algarve, onde tão pouco se cuida da arte, é um acontecimento notavel e pouco é quanto se diga de elogio aos seus promotores.

Em assunto tão delicado, como a pintura e desenho, somos leigos, mas temos olhos para ver e alma para sentir e certamente que dariamos por bem empregados os passos e seria ótima a emoção recebida.

Curando, pois, por informações, sobre o exito de tão notavel exposição, endereçamos as nossas homenagens aos artistas de tão delicada iniciativa.»

Recordamos do *Semeador*, nosso prezado colega do Porto, o seguinte artigo relativo a este certamen artistico que tantas pessoas tem atraído ás salas do antigo palacete Pantoja:

«Visitei ha dias a Exposição de Arte que dois professores da Escola Industrial, os srs. Lyster Franco e Ezequiel Pereira, e a sr.ª D. Maria Chaves, aluna d'este ultimo, instalaram nas salas do antigo palacete Pantoja.

Não dei por mal empregado o meu tempo.

Além de constatar de visu o pouco interesse que os assumptos artisticos inspiram entre nós, o que é bastante deprimente para as nossas prosapias de civilizados, deleitei o espirito por alguns momentos na contemplação de belos trechos da Natureza.

Na primeira sala onde os *carvões* do sr. Lyster Franco, são altamente prejudicados pelo fundo agressivo e dominador das paredes escafoladas e pelos jorros de luz que entram pelas janelas largas e baixas, demorei-me longo tempo a contemplar o quadro *Tronco velho*.

Gostei. E' bem feito. E' bem sentido. Aquella casca rugosa, coberta aqui e ali pelo musgo e por outras parasitarias, tem vida, tem vigor. E' bem um patriarca das arvores aquelle tronco! Um santo velho em cuja ramaria se albergaram muitos ninhos e que, em manhãs primaveris, serviu, decerto para as entrevistas amorosas das aves do bom Deus!

Como ele é velho, aquelle tronco! Que rugosidades e asperezas denunciadoras dos rigores idrúneas e dos soes calcinantes que tem suportado!

Detive-me depois deante dos quadros *Falda da Picota*, de uma impressionante suavidade, e do *Moinho da Alameda*, cujas agnas bem tocadas parecem reluzir ao sol.

Lyster Franco consegue maravilhas com o *carvão*. E' toda a Natureza que ele fielmente retrata com os maneios febris do seu lapis privilegiado, exhibindo-se em 31 quadros que são um encanto.

A sua alma de artista vibra perante as exuberancias da vida vegetal.

Lyster Franco ama as arvores e sabe espiritalisar a adoração que lhes consagra, reproduzindo-as com uma fina graciosidade que impressiona.

Perante os seus *carvões* singestivos, o pensamento alheia-se das misérias da vida terrena e experimenta a necessidade de gozar a tranquillidade d'aquellas paragens que o lapis do artista tão poeticamente descreve!

O *trecho da Ribeira, Margens do Arado*, e a *Choupana da Braz*, são *carvões* que bastariam para firmar a reputação de um artista se cá no paiz merecesse a pena consolidar ou adquirir uma tal reputação.

No seu quadro *Margens do Arado*, ha poesia, ha sentimento, ha devaneio.

Contempla-se aquella paisagem e logo em nosso espirito florescem sandaões.

Como devia ser bom singrar n'aquellas remançosas agnas, na companhia de um ente querido que soubesse acompanhar-nos em todos os arrebuamentos do vosso espirito!

Depois são nossos olhos atraídos pelos tons alacres das paisagens do sr. Ezequiel Pereira, cinco telas em que ha luz, calor e vida, onde ha sombras convidativas para largos momentos de repouso e se adivinha todo o bulicio rural que constitui a orquestra dos campos.

A sua *Azinhaga do Laranjal* e um lindo trecho de uma simplicidade que seduz.

Tarde de verão, tem um grande sentimento de verdade. *Moinho da Palmeira*, é um d'esses motivos vulgares do nosso litoral, a que o artista soube imprimir uma profunda nota regional.

Atentamos depois nos quadros da novel artista, a sr.^a Cbaves.

Constituem todos eles uma auspiciosa estreia, se bem que, pela composição e colorido tentamos que destacar *Morango* e *Hortaliças*, dois quadros onde melhor se evidenciam os recursos picturaes da discipula do sr. Ezequiel Pereira.

Depois o olhar detem-se naturalmente nas quatro telas a óleo, firmadas por Lyster Franco, unicas de figura que animam a exposição.

Alvorada e Crepusculo, uma creança e um velho, o principio e o fim da existencia, duas telas finamente pintadas e de um grande poder suggestivo.

Mas onde a nossa emotividade mais intensamente vibra é perante as duas telas *Cigana* e *Velho pedinte*, duas expressivas cabeças onde ha sofrimentos ignorados, macerações de desejos insatisfeitos.

Na *Cigana*, cujos olhos teem o fulgor absorvente que caracteriza a maior parte das mulheres d'esta raça, tem o sr. Lyster Franco um dos seus mais suggestivos trabalhos na sua exposição.

No *Velho pedinte*, que talvez lhe fosse sugerido n'um momento de pessimismo, transuz a ruina de uma existencia de crepita, a fome, a maceração de umas carnes habituadas a um forçado jejum.

Eis, mto de relance, o que é a exposição de arte.

Não vislumbrem n'este despretençioso artigo a ideia de fazer uma critica na verdadeira aceção da palavra.

E' um relato de impressões e apenas um pretexto para facilitar os expositores como primorosos artistas exuberantemente revelados. — *João Moraes.*

Visitaram n'estes dias a exposição as sr.s:

D. Maria Amelia Freire Ramalho Ortigão, D. Olimpia Lionilde Ferreira Chaves, D. Amelia Augusta Ferreira Chaves, D. Virginia Peixoto, D. Ilda Peixoto, D. Viviana Natividade Carvalho, D. Cristina Romão, D. Maria Candida Carvalho, D. Raquel Amancio, D. Theresia Maria Pereira.

E os sr.s:

Antonio Fábão de Campos, José Fábão de Campos, General Saude Lemos, Dr. José Emidio Flores, Fernandes Gil da Silva, Lino Gelorico Drago, José Maria Pacheco, Antonio de Sousa Botinas Junior, Jaime Coriolano Leça da Veiga, João Liva, D. Antonio de Sousa Coutinho, dr. Justino de Bivar Weinholdt, João Ferrunho Mario, Sebastião Martins Peres Gomes, José Ortigão, Raul Rodrigo Nogueira, João Francisco de Macedo e Brilo, alunos marinhos da *Palmela*, Francisco da Silva Mealha, Manoel de Brito Paiva, José da Encarnação Oliveira Junior, padre Francisco Euzébio, Antonio João Fernandes Graveirinha, Tenente coronel Luiz Augusto Nunes, capitão João Estevão Aguiar, Augusto Manso de Fonseca Machado, Ernesto Branco, Anibal Valeriano Pinto Santos, Alfeu Teixeira da Mota, Joaquim Junqueira, Raimundo José Soares, Joaquim Marques Frias, Antonio Francisco Dias, Antonio Domingos de Oliveira, Antonio Guedes, Alberto Francisco Gomes, João Amaro da Silva, Vilão Soares, Manuel Francisco da Costa, Francisco Jesus Gomes, José Adriano da Silva, Catarina, Miguel Correia Neves, João José Maldonado Pinheiro Centeno, Eduardo Dias Ferreira, José Alves Mendes, Baltazar Peres Ortigão, Antonio dos Santos Ramos, José Guerreiro, Francisco Fernandes Lopes Junior, Joaquim Amancio Junior, Custodio Fernandes d'Araújo, Rodrigues de Sousa Valente, Manoel Aleixo, José Pedro, major Ortigão, João Guerreiro Cabrita, Luiz Teixeira, João Pedro Marreiros, Gregorio Antonio, Salvador Ramos, Manuel Santana Costa, José da Gloria Machado, José Rodrigues Neves, Paulo Ferreira, Antonio Meudes Madeira Junior, José Armando de Sousa, Vitorino Rodrigues Corvo, Manuel de Sousa Risa Junior, Antonio Alexandre da Costa, João José Maldonado Pereira Centeno, Antonio Tomaz Ramos, José Custodio Passos, Raul Brito, Eduardo Mario Correia Gaspar, Antonio Franqueira Reis, Alberto Caudido Guerreiro e José dos Reis Gomes.

A exposição encerra-se brevemente.

PRESOS POLITICOS

Foram remetidos para Lisboa os sr.s. Guilherme Xavier de Basto, Frederico Basto, Manuel Monteiro Mascarenhas e Lineu Andrez, ultimamente presos em Portimão, por suspeitos de conspiradores.

— Também por suspitos de conspiradores foram presos em Lagoa os sr.s. Francisco Biker, Salvador da Luz, Neves Cortes, Carlos Judice, padre Cristina Monteiro e José Amador.

Alguns chegaram hontem sob prisão a esta cidade.

— Foi preso em Monchique, como conspirador, e remetido para Faro o empregado de comercio Manuel Joaquim Rocha, acusado de fazer propaganda monarchica vendendo medalhas com fitas azues e brancas e retratos de Paiva Conceiro.

MUNDO EM FÓRA

Pelo estrangeiro:

Em Hespanha, durante o ano de 1910, ascendeu a 269 o numero de greves, sendo 33 em Madrid e 58 em Barcelona. D'estas greves, 12 duraram mais de trinta dias e 9 mais de 50.

— Em S. Francisco da California realiso-se ha dias um casamento fora do vulgar, entre miss Jenny Crocker, possuidora da colossal fortuna de 70 mil contos, e Malcoln Whitman, cuja fortuna será igual. A cerimonia importou em perto de 100 contos de réis e o vestido da noiva, ricamente bordado com pedras preciosas, valia 40 contos de réis.

— Por ordem da policia de Belgrado, foi preso na *gare* de Cettigné um individuo chamado Olofrevitsch, que pretendia assassinar o rei da Servia, acompanhando-o na sua partida para as aguas de Rowilgaz.

— Ocorreu um acidente nas manobras navaes que se realisaram nas costas do Mar Baltico. Foi o caso do couraçado *Hessen* abalroar com um torpedeiro, destruindo-lhe a torre da pra, de cujo fato resultou a morte de tres marinheiros.

— Morreu desastadamente em Leipzig, por cair do seu aeroplano, o celebre tenente aviador Prusser.

— Em Londres rebentou um grande incendio na casa editora das cartas de celuloide. Doze costureiras que trabalhavam no ultimo andar morreram queimadas.

— A festa de beneficencia realisada em Stockolmo a favor da familia do malogrado corredor portuguez, Francisco Lazaro, que faleceu na corrida de Marathona, rendeu 5.500.000 réis.

— Um grupo de 130 sapadores, que faziam parte do corpo do exercito acampado no Turkestan, quiz sublevar as tropas, sendo repellidos. Foram mortos um capitão, um tenente e dois soldados.

— Afirma-se que a Italia e a Austria, por instigações da Alemanha, pensam em aumentar as suas esquadras.

— Faleceu o imperador do Japão.

Pelo palz:

Projeta-se uma grandiosa excursão a Chaves no dia 3 de agosto. Esta excursão tem por fim prestar uma justa homenagem á guarnição de Chaves, que tão heroicamente defendeu o nosso paiz das infames incursões de Couceiro.

— Faleceu repentinamente em Lisboa, no tribunal da Boa-Hora, o advogado dr. Edmundo Gorião.

— Os monarchistas conspiradores que teem sido presos na Hespanha ostentam nos chapéus e nas lapelas o retrato do seu rei e a bandeira azul e branca, e trazem ao peito escapularios do Coração de Jesus.

— Continua aberta no *Seculo* uma patriótica subscrição para a compra de aeroplanos, que serão empregados em serviço do exercito.

— Parece que a Associação dos Israelitas sempre resolve colonizar o planalto de Benguela.

— Algumas creanças que brincavam com fosforos, n'uma casa da Mouraria (Lisboa) ocasionaram um violento incendio, que destruiu quasi por completo os tres andares do predio, ficando mortas duas d'essas creanças.

— As faulhas da locomotiva d'um comboio correlo que passou em Vale de Francas, perto de Pero Moniz, lançaram fogo a uns poucos de pinheiros da casa Pombal e da quinta do Pombo, causando grossos prejuizos. Calcula-se em mil geiras a area atingida por tão pavoroso incendio.

Pelo Algarve:

Em Messines, terra onde nasceu o celebre poeta João de Deus, o Povo saudou a Republica e o exercito, no momento em que se retirava para Faro um destacamento que ali fôra de serviço.

— Foi retirado o arquivo paroquial ao padre de Alvôr um dos monarchistas recentemente presos.

CAMARA MUNICIPAL DE FARO

— Balancete da receita e despesa effectuada na resouraria da Camara Municipal de Faro desde 1 de janeiro a 30 de junho do corrente anno de 1912:

Receita..... 25.828.962
Despesa..... 22.550.273
Saldo em cofre..... 3.278.272

A POPULARIDADE DE S. EX.^a

Nem só por estas paragens tem o sr. governador civil conseguido arranjar admiradores das suas exceccionalissimas qualidades politicas e administrativas.

Por barlavento é tal a popularidade de S. Ex.^a, são taes as simpatias que conseguiu arranjar por lá, que nem se descrevem! A comprova-las, ainda hontem

recebemos de um dedicado republicano de Portimão o seguinte comunicado:

Redação Heraldo—Faro

Enderecei aos jornaes *Heraldo*, *Sul* e *Algarve* o seguinte telegrama officioso—circular.

Heraldo—Sul—Algarve Faro.

«Republicanos velhos afrontados proteção que o chefe do distrito dispensa talassas e conspiradores e pela demissão tão prepositada como injustificada do administrador de Monchique, resolveram iniciar já em toda provincia propaganda tendente a demascarar respectiva politica reaccionaria.»

Mais nos diz o nosso solido informador que, meia hora depois de expedir este telegrama, recebe a seguinte comunicação de Faro, por intermedio da respectiva estação telegraphica:

«Noticioso trez endereços *Heraldo*, *Sul*, *Algarve*—Faro, insufficiente.

Deposito, 1178/28»

Não carece de quaesquer comentarios o que para ali fica exposto. O que se vê, o que se fica provado á evidencia é que o sr. major Paulino é o mais popular de todos os governadores civis e o mais simpatico e insinuante de todos os funcionarios da Republica.

GAZETILHA

... pela local inserta no *Heraldo* e pela versallada junta...

Francisco José de Barros,
Ten. de inf.

Má hora a do tenente em ofender As castas gazetilhas do *Heraldo*, Mas emfim, já que deu tamanha raia, Por taes façanhas tem que responder Perante mim, qual oniro D. Geraldo, Sem pavor da lança, espada ou azagaia.

As milhas gazetilhas, afamadas De polo a polo, desde a terra aos cens, Traduzidas em russo e japonéz, Por Jove e pelas Musas sublimadas, Não podem receber estes labeus Que tanto ofendem o poeta portuguez.

Portanto, n'estes termos, em *Fio de Linho*, Vou pedir desde já uma dissidencia, Que julgue do valor cá do artista; Desejo tudo muito direito, Pois em successos d'esta importancia Não se tolera a verve do trocista.

Depois de tudo syndicado e pronto, Ou se conclue que os versos nada prestam Ou então se verá que tem valor; E en, *Fio de Linho*, on porrei ponto, Porque emfim nenhuma razão me restam, Ou hei de ser Geraldo sem pavor.

E porque sou valente e destemido, Exijo nma retratação formal, Que ponha termo a todas as alarmas; Do contrario, o tenente é prevenido De que, se não repara o grande mal, Se baterá comigo, pelas armas.

Fio de Linho.

Armações de atum

NOTA DO PEIXE VENDIDO NA LOTA DE VILA REAL DE SANTO ANTONIO, DE 15 A 29 DE JULHO DE 1912.

Abobora — 282 atuns, 127 atuarros e albacora, na importancia de 3.702.081 réis.

Medo das Cascas — 903 atuns, 253 atuarros e 41 albacoras, na importancia de 13.242.689 réis.

Barril — 1.454 atuns, 309 atuarros e 43 albacoras na importancia de réis 22.298.247.

Lavrimento — 749 atuns, 142 atuarros e 90 albacoras, na importancia de réis 105.467.784.

Cabo de Santa Maria — 116 atuns, 25 atuarros 30 albacoras, oa importancia de 1.885.331 réis.

Alalaia — 383 atuns, 208 atuarros e 86 albacoras, na importancia de réis 6.724.493.

Soma — 3.885 atuns, 925 atuarros e 215 albacoras, na importancia de réis 60.309.877.

CAÑCONEIRO DO POVO

O meu amor é moleiro
Traz a cara enfarinhada;
Seus beijos sabem a pão,
Não quero comer mais nada.

O livro da experiencia
Nenhum frulo ao homem dá;
Tem o conceito no fim,
Ninguém o lê até lá.

NOTICIARIO

Vimos n'esta cidade, com sua galante filha, a sr.^a D. Mariana Brito Pacheco, esposa do sr. Filipe Pedro Pacheco, de Olhão.

— Foi confirmada na Relação de Lisboa a sentença proferida n'este juizo a favor da sr.^a D. Celestina da Luz Caiado, na acção de alimentos provisionarios que requereu contra seu pae o sr. Francisco Martins Caiado.

— Den-nos o prazer da sua visita ás oficinas do *Heraldo*, o nosso amigo sr. João Braz de Campos, abastado proprietario de Tavira.

— O sr. ministro da guerra agradece ao «Centro Republicano Democratico de Faro», as felicitações que este lhe mandou por ocasião da derrota dos conspiradores em Chaves.

— Vimos n'esta cidade o nosso estimado assinante Francisco Cristovam de Sousa, acompanhado de sua esposa D. Maria da Luz Correia e de suas filhas D. Maria da Gloria Cristovão e Antonio do Carmo Cristovão.

— Deu-nos o prazer da sua apreciavel visita n'esta redacção o nosso presado amigo e correligionario, sr. Joaquim Mascarenhas Pacheco, de Monchique.

— Regressou de Lisboa o nosso presado amigo Joaquim Hipolito Pinto Lopes.

— Vindo de Lisboa seguiu para Tavira o general sr. Joaquim Peres de Sousa Gomes.

Acompanhando sua Ex.^a, seguiram tambem para aquela cidade os seus parentes sr. Antonio Guimarães Xavier e esposa.

— Em goso de licença, partiu para Monchique acompanhado de sua esposa o sr. José Bernardino Paulino, digno bilheteiro da estação do caminho de ferro d'esta cidade.

— Já regressou a Faro o intemerato republicano e nosso particular amigo sr. João Rosa Beatriz.

— Foi a Lisboa o sr. coronel Vasto Pereira de Campos, de Tavira.

— Partiu para o seu *Chalet* de S. Pedro de Cintra o sr. dr. Antonio Francisco de Sousa, sub delegado de saúde em Tavira.

— Esteve em Faro o nosso illustre amigo sr. Julio Cezar Rosalis, ex-governador civil d'este distrito.

— Cerca das dez horas de hoje foi capturado pelo sr. commissario de policia o conhecido reaccionario e impenitente difamador dos republicanos de Faro conego Silva, cuja residencia está sob a vigilancia da autoridade.

— Causou desagradavel impressao em Silves o fato de terem sido postos em liberdade os conhecidos monarchistas João Freire, Raul Freire, padre Mendonça, Vaz Mascarenhas, Mario Ciria-co e Joaquim Mascarenhas.

O HERALDO

Por motivo de força maior, qual foia circunstancia da falta de tipos grafos compositores, não pôde este jornal sair no ultimo sabado.

Ninguém mais do que nós sentiu este contratempo, n'uma occasião em que *O Heraldo* está sendo tão apreciado pelos verdadeiros republicanos.

CARTEIRA

Fazem anos:

Quarta, 31.—D. Antonio de Figueiredo e Melo, D. Luiz do Carmo Gomes, D. Eduardo Mendes Pinto, D. Maria Luiza Pimentel da Silva, D. Luiza Antonia de Almeida, José Evangelista Freitas, Emilio da Silva Avelar, Luciano Manuel Marques e João Mauricio Coelho.

Quinta, 1.—D. Maria Raimundo Severo, D. Angela Reis, D. Lucinda Emilia da Graça, D. Judith Pacheco, D. Eulália de Mendonça Benito, Joaquim/Democrilho Pinheiro, Manuel de Freitas Prato, Bento José Simões, Manuel Maria Pinto, João da Silva Castro e Manuel Afonso Pincoito.

Sexta, —D. Alda do Carmo Trindade, D. Laura Gomes Chagas, D. Josefa Pereira Moutinho, D. Lucinda da Conceição Vieira, D. Natalia Oliva Cruz, João Mendes da Silva, José Joaquim Mascarenhas, Jaime Artur de Castro Barrot, Francisco do Bivar Weinholdt, Manuel Pires de Bivar e o menino Eduardo Aldomiro de Soixas.

Sabado, —D. Maria Laurinda Gomes, D. Isabel de Mendonça Cruz, D. Maria Correia Belem, D. Isaura de Mendonça, D. Emilia Marques da Silva, Luiz Augusto Camacho Sabo, João Venancio Mendes, José Joaquim da Silva, Julião Maldonado de Sousa, José Pedro de Melo e Francisco Carlos Gaspar.

Tribunal:

Foi julgado em processo de policia correccional, por ter manchado de tinta os esccdos consulares de Hespanha e Inglaterra, o snbdljo hespanhol, José Sanchez Gomez, que ficou condemnado em 30 dias de prisão, sendo-lhe levado em conta oito dias de prisão soffrida. Foi lhe nomeado defensor officioso o sr. dr. João Pedro de Sousa.

Doentes:

Tem estado gravemente enfermo o nosso presado amigo sr. dr. Francisco Antonio Honorato de Sousa Vaz, distincto clinico n'esta cidade.

Fazemos votos pelas suas prontas melhoras. —Está felicemente restabelecido o nosso estimado amigo sr. Jacinto Guilherme da Silva, digno chefe da typografia do *Algarve*.

Publicamos no ultimo numero do *Heraldo* a seguinte informação:

«Queixou-se-nos o sr. João Martins Ramos, acreditado farmaceutico. d'esta cidade, de ter sido violenta e traiçoeiramente agredido por seu cunhado, tenente da armada, sr. Sebastião José da Costa.»

Em virtude d'esta noticia, veio ter connosco o sr. tenente Sebastião José da Costa, afim de nos pedir que lhe publicassem um desmentido, para o que nos apresentou uma carta assinada pelo sr. João Martins Ramos e por duas testemunhas e da qual nos deu a respectiva copia. Essa carta é do teor seguinte:

Faro, 27 de julho de 1912.

Sr redator do «Heraldo»:

«N'uma local do seu jornal de 24 do corrente diz V. ter-me eu queixado que o meu cunhado Sebastião José da Costa me agrediu traiçoeiramente.

Venho por este meio pedir a V. o favor de desmentir tal affirmacção, pois não é verdade que meu cunhado tivesse uzado de qualquer meio traiçoeiro quando me agrediu, após uma discussão violenta sobre questões de carater intimo que ao publico uada interessam.

Quando me referi a este fato deante de V. era como simples palestra de amigos, e não com intenção que fosse levar ao publico um caso que a ninguém mais interessa que a nós ambos.

Lamento, pois, que tal tivesse feito e não esperava que assim uzasse d'essa simples confidencia particular.

Não podia eu de modo algum apresentar a V. uma queixa, por saber muito bem que só á autoridade competente o devia fazer.

Se por acaso a idéa de traição depreendeu da minha descrição é erro que muito me penaliza.

Agradecendo a publicação desta,

Sou de V. obrigado.

(assinado) João Martins Ramos.

Está conforme.

As testemunhas,

Joaquim da Silva Figueira.
Sebastião José de Carvalho Dias.»

Devem os nossos leitores achar extraordinario tudo isto e decerto nos hão de censurar pela falta que por ventura cometemos em dar uma noticia manifestamente falsa.

Mas apreciem estes fatos, que são edificantes: O sr. João Martins Ramos veiu realmente á nossa redacção, onde nos apresentou a sua queixa, e instou connosco para que lhe dessemos a *vida publicidade*, afim de tal occorrença ficar registada. Não queriamos atender a *queixa*, mas em face da narração que nos fez, apresentando-se como vitima de tão grandes odios e perseguições, e pintando-nos o quadro com as cores mais tetricas e emocionantes, acedemos ao seu pedido, tanto mais que o reforçava com a declaração de que não pretendia dar conhecimento do caso ás autoridades e tão somente desejava que o *fato se registasse* para assim legitimar qualquer desforço futuro.

Não se tratou d'uma conversa particular, pois não se compreende que o sr. João Martins Ramos viesse a esta redacção unicamente para nos contar o que nada nos interessaria.

Ainda ele comete a insensatez de dizer que nos informou de tal fato em conversa confidencial. Mentira! Nem o sr. João Martins Ramos devia cometer a imprudencia de chamar confidencial a uma informacção que ele proprio queria publicada e que divulgara por toda a parte.

Mas não é tudo. Na occasião em que o sr. tenente Sebastião José da Costa nos punha ao corrente do desmentido, entregando-nos a carta do sr. Ramos, estava este senhor conversando connosco. Depois de lida a carta, cuja legitimidade ele comprovou, perguntamos-lhe na presença do mesmo sr. tenente Sebastião José da Costa e do sr. tenente Sebastião José de Carvalho Dias, se sim ou não tinha vindo junto de nós apresentar a sua queixa e se sim ou não instou pela sua publicacção. Ao que o sr. João Martins Ramos houve por bem responder que sim. Perguntado sobre a exatidão ou reproducção fiel das palavras com que nos apresentou a sua queixa, respondeu que depois de redigida a noticia, ele proprio a ouvir ler e a confirmou por estar absolutamente conforme!

Ora, pois, em face da carta e das declarações que o seu signatario fez posteriormente a ela e na presença do proprio cunhado e do sr. tenente Sebastião José de Carvalho Dias, nada mais temos do que lamentar o succido e lastimar a situação deploravel em que se collocou o sr. João Martins Ramos.

LATOARIA PONTE

Sucessor de JOÃO F. X. da SILVA REIS

CASA FUNDADA EM 1889

R. Conselheiro Bivar, 3—Avenida da Republica, 2

FARO



Especialidade em esquentadores para banho, em cobre polido, sistema francez, o melhor, mais economico e perfeito que até hoje tem apparecido.

Manufatura de gazometros e candieiros para gaz acetilene, dos mais praticos e perfectos. Encastre-se da montagem dos mesmos em qualquer terra da provincia.

Especialidade em bombas de todas as qualidades as quaes se vendem pelos preços das fabricas. Instalações completas para agua, em tubo de chumbo ou de ferro.

Especialidade em amoladores inglezes em ferro fundido, sem valvula, de efeito seguro.

Especialidade em ferros de soldar a gazolina, sistema allemão, o melhor e de maior resistencia até hoje conhecido.

Torneiras de latão de todas as qualidades, folha de flandres, zinco, ferro zin-cado, tubos de chumbo, de latão e de ferro, em todas as grossuras, latão e cobre em folha. Estes artigos vendem-se a retalho ou em quantidade, a

PREÇOS SEM COMPETENCIA



A FILHA DO DIVORCIO

Romance parisiense de maior interesse na actualidade, por um dos mais a-mados escriptores francezes e illustrado com magnificas gravuras francezas. Está em publicação pela acreditada casa editora *Bellevue & Co. Sive. Indes.*

Brindes aos srs. assinantes: uma estampa em cromó com um assumo de grande novidade. Caderneta semanal de duas folhas, 16 paginas, 20 réis. Tomo quinzenal em assento de 10 folhas, 100 réis.

As expedições serão feitas em cadernetas de 20 réis ou em tomos de 100 réis, según o porte á custa da empreza, a qual não fará segunda expedição sem ter recebido a importância antecedente.

PORTUGAL PREVIDENTE

Companhia de Seguros

CAPITAL 1.000.000\$000

SEGUROS DE VIDA (TODAS AS COMBINAÇÕES)

Seguros contra fogo

Seguros marítimos

Seguros de cristais

Seguros contra roubos

Seguros postaes

Seguros agricolas

AGENCIAS EM TODO O PAIZ E COLONIAS

Sede—Rua do Alecrim, 10—LISBOA

AGENCIA EM TAVIRA

PHARMACIA CUNHA 181

CREADA

De meia idade, para cosinha e outros serviços, precisa-se em casa do dr. Delegado de Faro. Não se faz questão de ordenado.

TAVIRA

Vende-se uma morada de casas na rua José Joaquim Jara, n.º 52, com cinco compartimentos, corredor e quintal. Trata-se com a dona na mesma casa.

Biblioteca de Educação Nacional

AS MENTIRAS CONVENCIONALES DA NOSSA CIVILISACÃO
A PSICOLOGIA DAS MULTIDOES

O QUE É O SOCIALISMO -- O ANARQUISMO

LEIS PSICOLÓGICAS DA EVOLUÇÃO DOS POVOS -- CRISTO NUNCA EXISTIU

AVULSO—cada volume brochado 200 réis e encadernado 300 réis.

Tipografia Democratica

RUA 1.º DE DEZEMBRO -- FARO

N'esta casa, aberta recentemente, imprimem-se com a maior perfeição e brevidade, e por preços excessivamente baratos, todos os trabalhos tipograficos, tais como: faturas, memorandos, prospectos, bilhetes de visita, modelos de repartições, folhetos, rotulos de farmacia, etc., etc., etc.

IMPRESSÃO DE

LIVROS E JORNAES

N'este estabelecimento, que é sem duvida o melhor do Algarve, encontram-se á venda varias qualidades de papel de carta, quer ordinario quer de luxo, papel de officios, cartonado, almagô, etc., tambem por preços

SEM COMPETENCIA

ESPECIALIDADE EM PAPEIS TIMBRADOS E PARTICIPAÇÕES DE CASAMENTO

CONDIÇÕES DE ASSINATURA (Pagamento adeantado)

Portugal e Colónias (Um ano) Porto, 1\$440 réis; Provincias, 1\$500 réis avulso, 120 réis.

Brasil (segunda forte) (um ano) Pelo correio, 1\$700 réis.

Para venda avulsa, o preço é fixado pelos nossos correspondentes

SECÇÃO ESPECIAL DE VENDAS POR ATACADO

A TRAZER E A PREÇO PAGAMENTO

Expalpe de qualquer natureza com a maior brevidade

COMISSÕES E COMBINAÇÕES

LABORATORIO DE FARMACIA

BANDEIRA & RAMOS

DIRETTOR PROPRIETARIO — FARMACEUTICO PELA ESCOLA DE LISBOA

SUCESSORES DA ANTIGA FARMACIA PIRES

FUNDADA EM 1803

RUA D. FRANCISCO GOMES, 40, 42 E 44

FARO

Fornecimento para Farmacias, Hospitales e Laboratorios

Tisana de Zittmann, formula modificada do dr. Constantino Cumano

Bélgica agiota depositada no Alqueiro de

AGUAS DE VIDAGO: — (Tidago, Vidago n.º 2 e Salpas)

AGUAS DE S. VICENTE (Entre-o-Rio), DA CURIA E DE XERIM (Espada)

PREÇOS MODICOS

REMEDIO CONTRA LOMBRIGAS (Vermifugo Brago)

É um remédio que se recomenda por si, e que com motivo justificado se pode chamar— A saúde das creanças.

Aos revendedores e maiores compradores concedemos, quando lo usarem, o mesmo desconto que dão os depositos de Lisboa, ficando a cargo de comprar o frasco e a pasta de consumo de terra, que são, respectivamente, 50 e 200 réis por cada caixa, dezoito para a qualquer entrega até Villa Real de Santo Amaro ou Villa Nova de Portimão; despois, cada remédio, valendo o mesmo de que visto as aguas directamente de Lisboa, para o resto com reserpa por 1000 réis.

Registados os dois remédios, ha também a registagem de se reconhecerem quasi de um dia para o outro, e de não serem importados clandestinamente de outras partes de despois remédios porem-se a venda no publico, em qualquer parte do Alentejo, pelo preço de Lisboa.

JOSÉ MARTINS DA CUNHA

SOLICITADOR REGISTADO EM

VARIOS TRIBUNAES DO PAIZ

Proctor quinquado e termocritico
Fornecimento e preparacao
Viduo de e de
Bandeira e Ramos
Inspeccao de importacao, exportacao,
de servico, etc. etc.

Consequente de vendas judicias
de Lisboa e Porto
Agente de companhias de seguros
Proctor de cobranças de rendas e dividendos
Fiducia de Fiancador, mazo E. L. B. T.
Gente para complicitade e fidei

Assessor de justiça e assistente publico
Venda de artigos de Alentejo
Fabrica de ceramica e lãtas emalhadas
Biblioteca completa
Calças, piquetes e balanças
Licença de remedia

22—RUA PRIMEIRO DE DEZEMBRO—28

FARO

LIVRARIA DAS NOVIDADES

DE ANTONIO DOS SANTOS CAPELLA

AGENCIA DE PUBLICAÇÕES LITERARIAS

RUA DA MARINHA N.º 15 -- FARO

Fornecimento completo de livros necessarios em todos os collegios e liceus

F. S. SILVEIRA

ANTIGA CASA VIUVA SEREZELO

Drogas e produtos quimicos, para farmacia e industria

IMPORTAÇÃO DIRETA

16--RUA DOS REMOLARES--18

LISBOA

ARTE Revista literaria e científica de que é Director

MARQUES ABREU

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua de S. Lazaro, 310--PORTO